

Vertente

ANO I - Nº 1 - RIO DE JANEIRO / DEZEMBRO DE 1996

DISTRIBUIÇÃO DIRIGIDA

Ziraldó

Abre alas e pede passagem

A dança e
a folia de
Lia
Rodrigues



Antigos
criadores
e novas
criaturas



EDITORIAL

O **Jornal Vertente** antecipa o lançamento do seu número UM, frente ao sucesso editorial do número de lançamento.

Encontrar o tempero certo entre o jornal diário, a revista, a publicação hiper-especializada, feita apenas para "tribos", e o periódico voltado para o grande público é nossa meta. Apenas a experimentação e a ressonância junto aos leitores podem nos dar a medida certa e o parâmetro exato que norteará este caminho sobre o fio da navalha.

Algumas reformulações já estão previstas para março - inclusão de setor voltado para a Educação, inclusão de *charges* e tiras - o elemento gráfico e sua força de comunicação - além de algumas novas colunas especializadas. Para chegarmos ao *crème de la crème* precisamos ouvir nossos leitores e para isso criamos, a partir do próximo número, a seção de Cartas do Leitor, como uma forma de ampliar as possibilidades do nosso fórum de debates. Além disso olhamos pela perspectiva de utilidade pública que acreditamos deva ter qualquer veículo de massa, promovendo idéias e ideais, campanhas, dentro de um enfoque sócio-cultural.

Nossas matérias giram em torno do jornalístico, do factual, e do pequeno ensaio, refazendo a pequena história dos diversos segmentos da arte, consignando movimentos importantes de pessoas e idéias, antenados com o movimento de ponta, enfim, tecendo um painel sobre a arte e a cultura voltada para a criança e o adolescente, discutindo valores, polemizando, buscando caminhos diversos, diversas vertentes do pensamento e da arte, de alguma forma relacionadas com a criação para esse público específico.

A ratificação de nossa proposta editorial se atrela à criação do espaço para o leitor. Aguardamos opinião, crítica e sugestão - indispensáveis para um veículo que se deseja sintonizado com o estabelecido, para que seja possível desestabilizar, criar. Renovar.

EXPEDIENTE

Editor: Carlos Augusto Nazareth

Sub-Editora: Anja Bittencourt

Editoria de Literatura: Benita Prieto

Conselho Editorial: Anja Bittencourt, Benita Prieto, Carlos Augusto Nazareth; Lúcia Cerrone e Marco Aurê

Colaboradores: Anja Bittencourt, Benita Prieto, Carlos Augusto Nazareth, Flávio Graff, Maria Carolina Mattos Macedo e Sônia Mota

Ilustração: Flávio Pessoa

Revisão: Leonardo Mendes

Administração: Gustavo Paso

Diagramação: Marcelo Martins

Jornalista Responsável: Marco Antônio Henriques Reg. 16.001

OS CONCEITOS EMITIDOS EM ARTIGOS ASSINADOS SÃO DE EXCLUSIVA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - tel/fax: 569-5680
Tiragem mensal de 15 mil exemplares

	REPORTAGEM
	Arte-Educação e os meninos de rua
TEATRO	
Histórico do teatro infantil no Rio	
	TEATRO
	Retrospectiva 96
ENTREVISTA	
Ziraldo	
	LITERATURA
	RPG - Roleplaying Game
LITERATURA	
Níveis de leitura	
	LITERATURA
	Toques literários e resenhas
MÚSICA	
Os flautistas da Pro-Arte	
	ARTES VISUAIS
	Vídeo como instrumento de educação
DANÇA	
Uma linguagem brasileira e lúdica	
	ESPAÇO ABERTO
	Antigos criadores estreiam para o público infanto-juvenil

ONDE ENCONTRAR

RIO DE JANEIRO	Escola de Dança Maria Olenewa	PETRÓPOLIS
AMAIS	Escola de Música Antônio Adolfo	Biblioteca da UCP
Bibliotecas populares do RJ (20)	Escola de Música Villa Lobos	Biblioteca Municipal Gabriela Mistral
Casa da Gávea	Escola de Teatro Martins Pena	Centro de Cultura Tristão de Athaide
Casa da Leitura	Escola Nacional de Música	Livraria Livromania
Casa das Artes de Laranjeiras	Espaço Cultural dos Correios	Livraria Obelisco
Casa de Cultura Laura Alvim	Espaço Novo	Livraria Pump
Catsapá	Espaço Unibanco de Cinema	Universidade Católica de Petrópolis
Centrinho de Artes do Meier	Estação Botafogo	NITERÓI
Centro Cultural Banco do Brasil	Estação Paissandu	CINE-ART UFF
Centro Cultural Calouste Gulbenkian	Grajaú Tênis Clube	SÃO PAULO
Centro Cultural Cândido Mendes	Livraria Malasartes	Centro Cultural Vergueiro
Centro Cultural da SBAT	Livraria Pé de Página	Teatro Ventoforte
Centro Cultural Gama Filho	Museu da República	VOLTA REDONDA
Centro Cultural Laurinda Santos Lobo	Museu do telefone	GACEMSS
Centro Cultural Oduvaldo Viana Filho	O Tablado	FRIBURGO
Clube Mackenzie	Paço Imperial	Country Club de Friburgo
Clube Municipal	Sindicato dos Artistas	
	Teatros da Cidade (30)	
	UNI-RIO	

Quando a Arte sobe o Morro

Anja Bittencourt

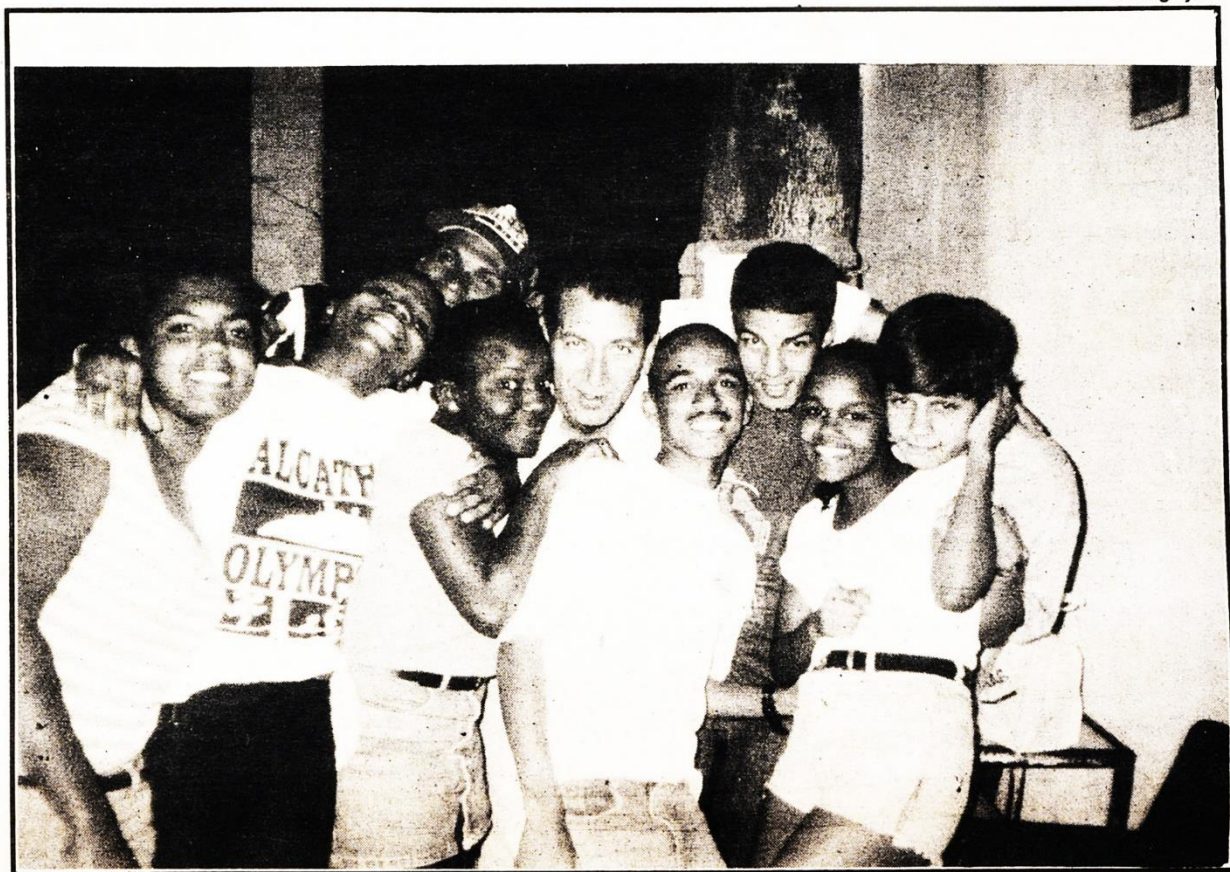
O criativo furacão dos anos 70 soprava com força sacudindo cabelos e idéias quando o jornalista Gutí Fraga foi morar no Vidigal, zona sul do Rio. Em contato direto com a realidade do morro, criou o **Jornal Comunitário** - painéis de madeira onde eram afixadas as manchetes, inclusive as locais, que percorriam a favela fazendo a notícia subir as vielas, desfilar pelos becos e pousar nas biroskas. Mas a censura chegou com a visita do Papa e fecharam o jornal. *"O acesso para a pessoa de classe pobre é muito complicado"*, diz Gutí, e por isso mesmo era preciso continuar o trabalho.

Como já fazia teatro (na Escola Martins Pena e com o diretor Domingos Oliveira, entre outros) começou então a fomentar a idéia de formar um grupo com as pessoas da comunidade, de onde pudessem sair atores e técnicos e onde se pudesse respirar cultura, crescer. Como quem tem um sonho na cabeça irradia luz pelo coração, Gutí acabou sendo convidado pelo padre austríaco Hurbert Leeb a reunir alguns jovens e formar um núcleo de teatro, num centro comunitário mantido por ele no alto do morro.

Era o ano de 1986 e nascia, assim, no peito e na raça, o Grupo Nós do Morro, com muito trabalho de pesquisa, expressão corporal, exercícios teatrais e a criação de um teatro improvisado. No ano seguinte, os primeiros aplausos - a peça **Encontros**, de Paulo Tatata e Tino Costa, falava da vida dos jovens do Vidigal e impulsionava o grupo para vãos maiores: neste mesmo ano, empolgando o público em montagem cheia de efeitos especiais, encenaram **Torturas de um Coração**, de Ariano Suassuna. Depois vieram Martins Pena (**Os Dois ou o Inglês Maquinista**) e José Vicente (**Hoje é Dia de Rock**), além de uma volta à temática da comunidade com a peça **Biroska**.

O sonho cresceu e o Nós do Morro hoje em dia já tem seu teatro. É o Teatro do Vidigal, idealizado por Gutí e por seu "anjo da guarda", a Zézé, e concebido pelo cenógrafo Fernando Mello da Costa com projeto de luz do iluminador Fred Pinheiro, inaugurado em setembro de 95 com a peça **Machadiando - Três Histórias de Machado de Assis**.

A verba para a construção do teatro foi obtida com a ajuda de comerciantes do bairro e simpatizantes, que doaram material de construção e emprestaram ferramentas. A isto somou-se a renda da bilheteria do **Show das Sete**, um *talk-show* comandado por Gutí e produzido pelo



Divulgação

Guti Fraga e o grupo Nós do Morro.

Grupo que durante dois anos mobilizou toda a comunidade com a apresentação de artistas locais e nomes consagrados da música popular, do teatro e da televisão, que subiam o Vidigal para dar uma canja. Mas houve ainda um patrocínio importante intermediado pela consultora para projetos de assistência social da Embaixada Britânica, Stephania Allen Earlie, com o qual foram adquiridos os equipamentos de luz e som.

Aliás, a parceria com a Embaixada rendeu outros frutos, como o Fórum Shakespeare, que será repetido em 97, sob a coordenação de Cecily Barry. *"Se estabeleceu uma relação de amizade entre nós. Eles procuram sempre nos ajudar a ampliar nossos conhecimentos"*, diz Gutí.

Com já dez anos de estrada, irradiando a cultura por meio do teatro feito na comunidade e direcionado para dentro dela, o Grupo Nós do Morro segue seu trabalho dando filhotes, como o grupo musical **Papel de Seda**. Realiza oficinas de História da Arte, Cursos de Cinema e de Arte Circense, profissionalizando grande parte dos atores e técnicos do grupo, que hoje passam suas experiências para os novos.

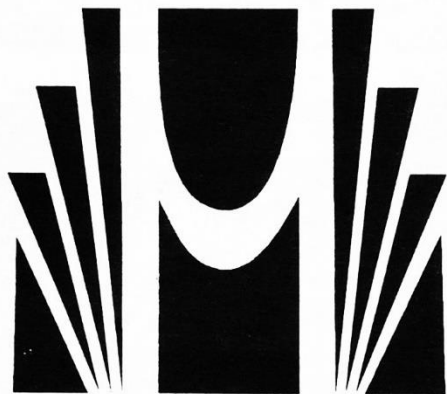
Afinal, se havia no início uma proposta de mudar a realidade social dos jovens moradores do Vidigal, os resultados já são bem visíveis: muitos do Grupo já atuaram em produções de teatro,

cinema, televisão e vídeo dirigidos por gente como Cacá Diegues, Daniel Filho, Roberto Bontempo, Fábio Sabag e Walter Lima Jr., entre outros. Atualmente o menino George Bezerra brilha no palco do Teatro Ziembinsky no infantil *"João e o Pé de Feijão"*, e é apontado como destaque pela crítica especializada. *"Os que sabem, os que já fizeram, têm o compromisso de voltar e fornecer possibilidade de acesso aos novos"*, filosofa Gutí acrescentando que *"o que o Grupo de Teatro Nós do Morro tem feito até agora é mostrado que a vida levada na arte é muito mais bonita de ser vivida"*.

Que brisas leves continuem soprando macias pelos caminhos do Vidigal.

Apesar de manter viva sua carreira de ator (está em cartaz em **Robin Hood**, sob a direção de Gaspar Filho), Gutí Fraga se mantém à frente do projeto que criou. Além das oficinas, o Nós do Morro prepara para março a montagem de **Abalou**, criação coletiva sobre o fenômeno funk. O Teatro do Vidigal fica na Av. Presidente João Goulart, 296, fundos da Escola Municipal Almirante Tamandaré, no Vidigal. O telefone para informações é 322-0741.

Memórias futuras



e d i ç õ e s

Há 14 anos se aproximando dos anseios dos educadores que primam por novos rumos pedagógicos, ampliando o direito à informação responsável. O melhor em projetos didáticos e literatura infantil e juvenil.

Rua Pereira da Silva, 322
Laranjeiras - Rio
tels: 205-3549 e 225-2518

Comida, diversão e arte... e não é só isso!

Flávio Graff

Casa e amor - duas palavras-chave na estruturação regular da sociedade e do bem-estar do homem que estão repletas de significados e desdobramentos. A falta deles cria marcas profundas e de difícil tratamento no indivíduo. Mas para se ativar o processo de revitalização de menores abandonados não basta simplesmente oferecer-lhes casa, comida e amor. Queremos grifar a importância da responsabilidade que a sociedade tem por trazer de volta a própria natureza perdida dessas pessoas abandonadas. Para que isso aconteça com eficiência necessita-se de trabalho técnico e especializado.

Projetos como o **Ex-Cola** e a **Pastoral do Menor** são desenvolvidos por profissionais especializados que visam tirar a criança e o adolescente do universo das drogas e da marginalidade, enfrentando toda espécie de problemas que projetos desta natureza encontram.

O Projeto **Ex-Cola** mantém Oficinas Básicas de Arte - OBA - que são ministradas na Casa do Tá na Rua e no *Studio Sound Design*; trabalham com cerca de 40 crianças que fazem aula de percussão, voz e teatro, com especialistas em Arte-Educação. "Tentamos através do ato criativo **diminuir** o consumo de drogas. Muitos quando chegam não sabem nem o que é teatro.

Como as aulas não são diárias por falta de verba, o menor não fica todo o tempo assistido pelo projeto; acabam voltando a consumir drogas nas ruas. O nosso projeto mais gratificante - índice zero de consumo - foi o da Escola de Futebol, pois quem chegava drogado era barrado nos jogos e isso rendia resultados valiosos", declara Yolanda Calafange, organizadora do **Projeto Ex-Cola**. É a colocação de limites, tão necessária e eficaz quando bem dosada.

Apesar do esforço e do sucesso do projeto, há dois fatores que influem fortemente no processo dos projetos de reintegração do menor, diz Yolanda Calafange: "A questão financeira é a mais forte. Temos alguns convênios e o apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. No entanto isto não chega a suprir todas as nossas necessidades, nem permite que a periodicidade de atendimento do **Ex-Cola** se torne mais freqüente e, portanto, mais eficaz. Outro fator é a dificuldade de manutenção de atividades por períodos mais longos; quando as crianças saem das oficinas ficam sem ter o que fazer e acontece o que diz o ditado: 'cabeça vazia é oficina do diabo'. Os alunos freqüentam as aulas apenas 12 dias ao mês, nos quais recebem

Divulgação



Pastoral do Menor - Casa da Acolhida de Campinho - Padaria Escola.



Divulgação

Projeto Ex-cola.

vale-transporte, ticket-refeição e meio salário mínimo ao mês". Alguns menores que já estão no Projeto há dois anos fazem parte da banda e do grupo de teatro. Os que já atingiram 18 anos passam a viver numa espécie de República, como relata Yolanda: "A Prefeitura paga três apartamentos e a comida durante dois anos; em troca eles têm que estudar e trabalhar. Hoje temos 15 meninos passando por essa fase".

Já a **Pastoral do Menor**, que está ligada à Arquidiocese e funciona desde 84, conta com mais recursos e pode interferir mais continuamente no cotidiano da criança vinte e quatro horas por dia, oferecendo várias atividades educadoras como as oferecidas pela OBA do Projeto Ex-Cola. "O nosso projeto vai a fundo. Já tivemos muitos erros e acertos, mas percebemos que temos que buscar algo mais do que simplesmente dar casa, comida e amor. Trabalhar a educação e a arte com essas crianças é fator primordial de recuperação. Para isto necessitamos de pessoas especializadas", declarou a Coordenadora da Pastoral, Macá.

Dentre as atividades desenvolvidas pela Pastoral, existem as assembléias ministradas por especialistas que discutem temas escolhidos pelos alunos, como violência, drogas, liberdade, sexo e Aids. A Casa de Acolhida do Catete abriga meninos e meninas de oito a treze anos e a Casa de Acolhida do Campinho, para jovens acima de 18 anos. "Os mais novos sempre rejeitam alguma coisa, mas com o tempo eles vêm que os outros estão integrados e acabam se

interessando por alguma atividade. O trabalho, às vezes, se torna muito difícil, principalmente pela questão financeira", afirma Macá.

O trabalho fundamental do projeto da Pastoral é o **Centro de Referência do Trabalho**, onde alunos que já estão aptos para o mercado de trabalho são encaminhados às empresas para serem absorvidos pelo mercado de trabalho. "O Projeto de Apoio Familiar também é fundamental, pois busca resgatar as famílias dos menores e dar orientação a eles. Este ano já passaram 132 adolescentes pelo Centro e no total atendemos 908 crianças", declarou Macá.

Mais este ponto em comum têm os dois projetos - a dificuldade financeira que limita a ação em prol desse jovem e abandonado Brasil de amanhã, impedindo que os projetos tomem o impulso necessário para atender a um número maior de menores, ficando à mercê do esforço dos colaboradores do bem estar social, que vão tentando vencer as barreiras. A situação clama por uma ação mais contundente dos órgãos públicos e da sociedade civil como um todo.

Pastoral do Menor
Rua Benjamim Constant,
23/6º andar
Telefone: 292-3132 R.448

**O JORNAL
 VERTENTE
 e Carlos
 Augusto
 Nazareth
 Produções
 Artísticas
 desejam
 a seus
 leitores,
 amigos e
 colaboradores
 um
 FELIZ 1997
 pleno de
 criatividade
 e realizações.**

**CARLOS AUGUSTO NAZARETH
 ANJA BITTENCOURT**

Em busca do público perdido

Carlos Augusto Nazareth

O ano de 1996 foi um ano difícil para os encenadores do já conceituado Teatro Infantil do Rio de Janeiro.

Na década de 40, clamando por espetáculos dedicados à criança, estava Paschoal Carlos Magno; em 1950 nascia, pelas mãos de Lúcia Benedetti, Pernambuco de Oliveira e Maria Clara Machado. Hoje, 1995/1996, o já quarentão Teatro Infantil vive a sua mais que justificada crise de adolescência.

“Paschoal Carlos Magno, em 1944 lançava um apelo, no Correio da Manhã, para que a classe teatral começasse a produzir espetáculos para crianças”

Flora Sussekind JB 18.12.83

Depois de seu surgimento, O Tablado, de Maria Clara Machado, foi, durante anos, o quartel-general do *Teatro Infantil de Qualidade*, comandado pela generalíssima Clara. Em São Paulo Tatiana Belinki desenvolvia também um consistente trabalho.

Depois veio a era dos grupos: Ventoforte, Hombu, Navegando, Manhas e Manias, Feliz Meu Bem e tantos outros que conduziram o teatro infantil por seus muitos caminhos de crescimento e descobertas, levados por criadores como Ilo Krugli, Lúcia Coelho, Caíque Botkay, Sílvia Aderne, Beto Coimbra, Tônico Carvalho, e outros, muitos outros.

“Na década de 50 o teatro infantil passou a ter uma produção regular, porém a produção era mais comercial do que propriamente artística. Cenários e figurinos eram feitos com o material das montagens para adultos. A música aparecia esporadicamente. Em meados de 60, com a reforma do currículo escolar primário, surge uma nova fase e um novo mercado para o teatro infantil. O teatro vai às salas de aula. Ocorre uma mudança no conteúdo dos textos, determinado pelos educadores”.

O Estado de São Paulo (6.04.80) M^a da Glória Lopes

Passada a década de 70, passado o fenômeno dos grupos em seu trabalho dedicado, de paixão, pesquisa e busca, entrou-se na década de 80 com uma negra perspectiva - neste período o teatro infantil se via, em sua grande parte, entregue a produtores inescrupulosos que *re-quentavam* clássicos da literatura, “aliciavam” pseudo-atores nas esquinas da cidade, e surpreendentemente enchiam os teatros de crianças, filhos de pais incautos que não tinham como separar o joio do trigo. O espaço na mídia era mínimo e irregular. E sofreram, nesses anos, os que continuaram a lutar por um bom teatro.

“A década de 70 é marcada pela diversificação das correntes que vai desde a clássica até a realista. Os temas folclóricos e circense são incorporados à dramaturgia infantil. O teatro de bonecos começa a recuperar sua importância. A música e a dança predominam na maioria das peças. Aumentam o número de espetáculos e de espectadores. Mesmo assim o teatro infantil é considerado de segunda categoria. O final dos anos 70, início dos 80 tem como característica o equilíbrio entre correntes: Estamos saindo de um teatro didático para conquistar um teatro de caráter lúdico, mas há espaço para todas as correntes”.

O Estado de S. Paulo - 1980 - M. da Glória Lopes

Ney Robson / FUNARTE



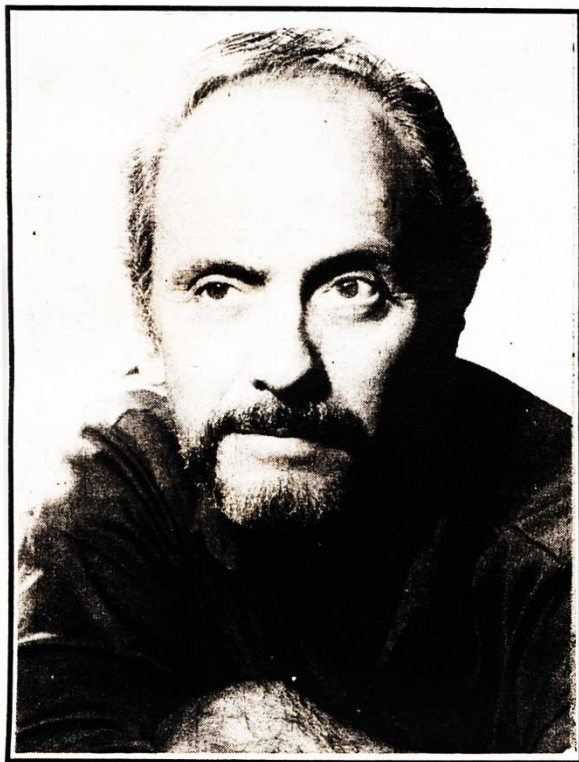
Lucia Benedetti, Ana Maria Machado e Maria Clara Machado.

ANUNCIE AQUI!

**MASSAGEM
TERAPÊUTICA**

Carlos Cândido

Tel: (021) 235-0229



CEDOC/FUNARTE

Pemambuco de Oliveira
autor de **A Revolta dos Brinquedos**.

Há menos de dez anos, com a indiscutível ação da Coca-Cola intervindo no mercado, e com a maior abertura de espaço na mídia, o teatro infantil cresceu e chega agora a sua adolescência, com direito a crise. Nesse período o teatro cresceu, ocupou espaço, revelou novos nomes, consagrou outros, surgiram trabalhos de primeira grandeza, sérios, preocupados com seu público, numa espiral crescente até 1994.

Em 1995 o panorama do Teatro Infantil já não foi o mesmo; poucos trabalhos de ponta; desencontro entre palco e plateia - algo de estranho no ar foi registrado pela crítica especializada nos balanços de fim de ano. Em 1996 - a crise.

Dizer que crise é bom porque significa crescimento é chover no molhado, mas às vezes é preciso chover no molhado. Se os realizadores deixarem passar esse sinal e não pararem para rever seus caminhos, pode-se perder um vasto terreno muito especial e duramente conquistado.

Tendo assistido a cerca de 80 espetáculos em 1995 e a cerca de 60 em 1996, fica claro que o Teatro Infantil perdeu por descaminhos diversos o contato com sua referência primeira: seu público.

Nos anos 60 os Festivais de Música dominavam o panorama da MPB e começou a surgir o fenômeno "estranho" ao próprio movimento musical em si, que foi a "música de festival". Movimento esse nada significativo para a música popular brasileira, pois atendia a um objetivo imediato, circunstancial, que não fazia parte do processo de crescimento da arte musical no país. Passados os Festivais, algumas músicas ficaram como referência da época, valores novos surgiram, é verdade, mas a MPB teve que retomar

seu próprio caminho.

Fenômeno assemelhado ocorre, hoje, no Teatro Infantil. Depois da benéfica intervenção da empresa privada, começou a existir um excesso de preocupação com a premiação e, pior, começou a surgir uma quase receita para um bom espetáculo - que graças a Deus - vem falhando. Começou a se produzir para os críticos e para os júris.

Cenários grandiosos, figurinos deslumbrantes, uma luz que por si só faria parte de um espetáculo de "sons e lumière". Fórmula que deu certo durante um tempo, e como não se mexe em time que está ganhando, o medo de arriscar, experimentar, experienciar, fizeram com que fórmulas fossem repetidas à exaustão, o papel carbono teve uso e abuso na produção carioca. Dessa forma os espetáculos se completavam em si mesmos e completavam seu ciclo quando recebia as críticas e a visita dos jurados.

E o público?

Paralelo a esse processo corre, por fora, o "famigerado" Projeto Escola, permitindo a continuidade e sobrevivência do espetáculo numa distorção do mercado e da própria função do teatro na escola. Criou-se, assim, um falso equilíbrio: patrocínio, crítica, indicações para prêmios, plateia vazia e projeto escola para manter o espetáculo vivo.

E o público?

O público espontâneo, esquecido, passou a ser um elemento dispensável nessa equação, o que torna o processo de produção do teatro mais absurdo do que já é. E claro que o mercado reflete todo esse jogo; tivemos em 1996 o pior ano de público, teatros literalmente vazios e prejuízos incalculáveis, das produções.

Aqui começa a verdadeira e profunda crise de adolescência. Nesta fase o mundo é cruel e o adolescente a grande vítima. Da mesma forma, a culpa do teatro vazio é de todo o mundo. Menos do espetáculo. A culpa é da falta de divulgação, do preço alto, da violência da cidade, da falta de estacionamento, da Adriane Galisteu em Xica da Silva, da conjunção astral, mas **jamaís** do espetáculo - o problema são os outros.

Mas há, com certeza, um grande buraco perambulando por aí: texto, dramaturgia, proposta de encenação, de concepção; falta de continuidade em uma busca, de uma proposta de trabalho. Montam-se espetáculos, não se faz teatro para a criança. Crise da criatividade, crise da adolescência, medo de arriscar, medo de crescer. É preciso cortar o cordão umbilical e para isso não é necessário assassinar seus pais ou patronos.

Em torno desse buraco que perambula por aí constroem-se os espetáculos que passam a ser verdadeiros adereços do nada; tudo magnífico

jornal

TEATRO JOVEM

Leia

Anuncie

Participe

informações

539-2478

266-5478

CONTATO PUBLICITÁRIO

Venha trabalhar conosco!

(021) 568-8912

569-5680

JORNAL VERTENTE

em torno de um núcleo inexistente. Neste roldão "dança" também o ator; por mais talentoso que seja não consegue sustentar este espetáculo náufrago. Segundo Lúcia Cerrone (crítica de teatro infantil do JB) esta é a grande invenção dos anos 90: Teatro para não-público.

Como apêndice desse grande buraco negro que atrapalha momentaneamente a bela caminhada do Teatro Infantil no Rio de Janeiro, vemos os esforços desesperados e frustrados de algumas produções numa tentativa equivocada de reencontrar seu caminho e seu público, agarrando-se aos bordões da TV, aos *game is over* dos jogos eletrônicos, à estética gay que invadiu os palcos em 1996, à repetição mecânica de verdadeiros dogmas, como: teatro bom para criança é o bom teatro, não importa a faixa etária... ou ...teatro bom tem que agradar à criança e ao adulto. Tudo é *cult*- menos fazer teatro.

Se a opção de lazer é o teatro, é porque o pai, que é realmente quem decide, leva o filho para um tipo de lazer que tem algo de único, que nenhum outro meio tem. E é exatamente esta especificidade do teatro que pode tirar o público de frente da TV, do cinema, do vídeo, da revista em quadrinhos, da praia, e levá-lo a buscar no Teatro o que só encontra no Teatro. É a especificidade competente do fazer teatral que, na sua magia, estabelece a comunicação do tablado com seu público.

Passada a tempestade, retornemos ao vinho.

Que em 1997 Dioniso seja amplamente celebrado, e que o abençoado Teatro Infantil continue abençoado e retome seu caminho, sua bela trajetória, que disso ninguém duvida.

Dicas Teatrais

Carlos Augusto Nazareth

Do caótico panorama do Teatro Infantil de 1996, pinçamos os melhores espetáculos que contêm, em si mesmos, qualidades que precisam ser resgatadas pelos encenadores de Teatro Infantil no Rio de Janeiro.

MELHORES DO ANO	Diário de um adolescente hipocondríaco
	Circus
	Popeye
	As desventuras de Sofia
	O mágico circo de Provolone, Goiabada e Guaraná

Diário de um adolescente hipocondríaco: É, sem dúvida, o espetáculo mais completo do ano. Percebe-se em cena, uma inteligência que organiza e realiza uma proposta clara de encenação.

Propõe, discute, instiga, não faz concessões. Texto, dramaturgia e direção competentes conseguem o equilíbrio indispensável entre os diversos elementos do espetáculo, criando um todo harmônico onde a estrela é o espetáculo e seu público-alvo: a criança, o pré-adolescente, o adolescente. E se quisermos usar o neologismo Teatro-Jovem, este seria o espetáculo verdadeiramente jovem do ano.

Circus: A produção de São Paulo trouxe para os palcos cariocas o melhor do Teatro de Animação, abordando o difícil tema do Circo; difícil porque para fazê-lo com originalidade é preciso talento. Bonecos expressivos, de confecção perfeita, manipulação excepcional compõem quadros plenos de humor inteligente que atingem em cheio seu público - crianças desde a mais tenra idade, divertindo-se a valer. Teatro lotado. Final feliz.

Divulgação



Popeye: Inúmeras tentativas de levar a linguagem das HQ para o palco são volta e meia realizadas. Poucas, no entanto, com êxito. Popeye é uma tentativa bem sucedida; atuações perfeccionistas em seu trabalho de composição, conseguem uma comunicação imediata com seu público. Recriação apoiada numa afiada preparação corporal, numa caracterização bem realizada, e numa atuação que dá aos personagens uma dimensão cênica que extrapola a pura reprodução mimética do gestual da HQ. *Design* irrepreensível do espetáculo: cenário, bonecos, adereços e luz.

Zoy Anastassakis



As Desventuras de Sofia: Na contra-mão das superproduções chega ao palco, através de Celina Sodré, um clássico da literatura universal: *Condessa de Ségur*.

Espectáculo cuja *écriture* trabalha com o essencial; numa excelente adaptação da própria diretora, encenadora competente de espetáculos para o público adulto, Celina Sodré se volta para o Teatro para crianças sem nenhum cacoete, vício ou fórmula, que, por vezes, permeia a criação de veteranos realizadores do Teatro para Crianças. Renovação necessária.

O Circo Mágico de Provolone, Goiabada e Guaraná: Produção, simples, despreziosa, talentosa e artesanal. Feita com uma paixão que salta aos olhos do espectador e que por essa simplicidade e vigor o conquista. Só para registrar é bom que se rediga que - simples e despreziosa - não tem nenhuma relação com simplória. Muito pelo contrário; é uma produção preocupada com o pormenor, feita, diríamos até, com perfeccionismo. Renovação bem-vinda que chega para acrescentar e enriquecer o panorama.

Não podemos deixar de citar ainda *Esconde-esconde* da Cia Dramática de Teatro, sem dúvida o melhor da trilogia da Companhia, um trabalho que prova que a continuidade da pesquisa de uma proposta leva a bons resultados. *A Bela Adormecida*, muito bem conduzida por Cacá Mourthé, num texto primoroso de Maria Clara Machado, que resgata o prazer de montar espetáculos para criança, para quem faz e para quem assiste: casa lotada; duas sessões diárias - sucesso; e por fim o texto de Eliane Ganem para *As Histórias de Sherazade*, numa competente direção de Jorge Crespo.

POSSE DO CORPO

Spa Center

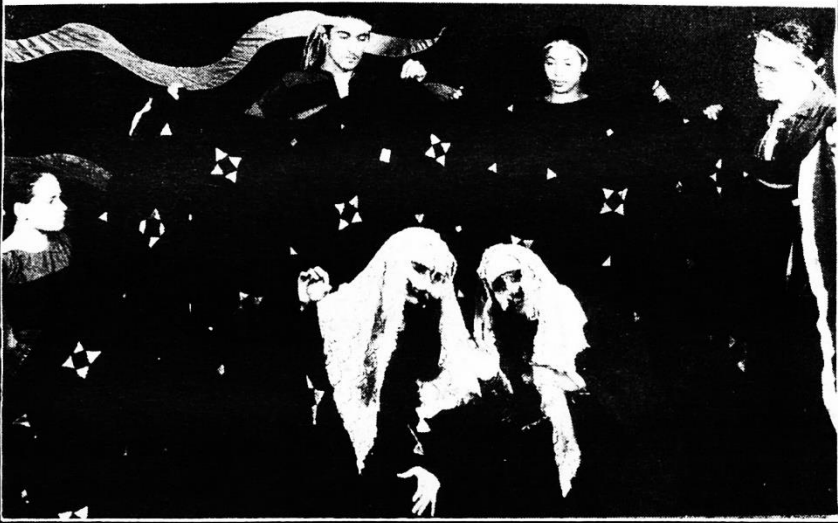
O melhor presente para o seu corpo e sua mente!

Av. Noemia Alves Rattes, 134 - Posse
Cep. 25.770-320 - Petrópolis RJ
Tel/Fax: (0242) 57-2102

PROJETO ESCOLA

Cultura Popular Brasileira - Dois espetáculos de qualidade

O PÁSSARO DO LIMO VERDE



Teatro Popular criado sob a inspiração do mamulengo

.ESPETÁCULO INFANTIL DE ATORES E BONECOS

.QUINZE INDICAÇÕES PARA PRÊMIOS EM 94 E 95

.DOIS ANOS EM CARTAZ NO RIO E EM SÃO PAULO

.INDICADO PARA CRIANÇAS DE 3 A 10 ANOS

"Sem dúvida nenhuma
é um dos espetáculos
mais atraentes da temporada."

Lúcia Cerrone - JB

.ESPETÁCULO INSPIRADO NO LIVRO HOMÔNIMO
DE HAROLDO BRUNO

.PRÊMIO JABUTI

.GRANDE PRÊMIO DA CRÍTICA

.O MISTERIOSO RAPTO DE FLOR DO SERENO REVELA
E TRABALHA COM O IDEÁRIO POPULAR BRASILEIRO:
TIPOS, MÚSICA, DANÇA, MITOS, LENDAS E
SUPERSTIÇÕES.

"Um dos melhores intérpretes da
cultura brasileira - o já mestre
Haroldo Bruno."

Gilberto Freyre

O MISTERIOSO RAPTO DE FLOR DO SERENO



Re-criação ampla e livre, universalizante, do cordel

AS ESCOLAS INTERESSADAS DEVERÃO ENTRAR EM CONTATO COM CARLOS AUGUSTO NAZARETH
PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA. PARA VISITA DE NOSSO AGENTE EDUCACIONAL.

Rua Vicente Licínio, 154 - Tijuca - RJ - CEP 20270-340 - Tel: (021) 568-8912 - Fax: (021) 569-5680

"A Criança não é um adulto pequeno.

Ziraldo Alves Pinto, mineiro do Rio de Janeiro, carioca de Caratinga, reúne a pureza e lírica interiorana mineira ao humor e sagacidade cariocas, criando uma verdadeira linguagem nacional na sua leitura do mundo.

Escritor e ilustrador, Ziraldo se tornou um sucesso nacional não só pela sua arte, mas também por suas posições políticas e por suas idéias francas sobre o país, sobre seu povo e sua cultura.

Sua obra, voltada principalmente para a criança, reflete essa criança atemporal feita de espontaneidade, pureza, irreverência e acuidade afinada. Ziraldo sabe que é um sucesso - ele e a sua obra - e cuida dessa imagem com inteligência, humor, alegria e irreverência, e pede passagem: esse ano desfila na Escola de Samba Porto da Pedra, dentro do Enredo "No reino da alegria, cada louco com sua mania", no carro do **Menino Maluquinho**, onde ele estará acompanhado do ator-mirim do filme. Aliás, além do livro e do filme, o **Menino Maluquinho** também é CD-ROM, tira de jornal e está na embalagem de produtos, posto que Ziraldo é também uma bem-sucedida empresa de criação. Focalizado pelo **Caderno Idéias do JB**, na coluna *O que eles estão lendo*, diz: "Fico impressionado com os brasileiros citados nesse espaço, com a capacidade de ler cinco livros de uma só vez. Informo que estou lendo dez". E no seu estilo bate-pronto cheio de simpatia, diz ao VERTENTE, em relação à nossa última pergunta: "Faz este tipo de pergunta, não. Ninguém tem uma resposta jornalística pra ela". E aí vem mais Ziraldo.

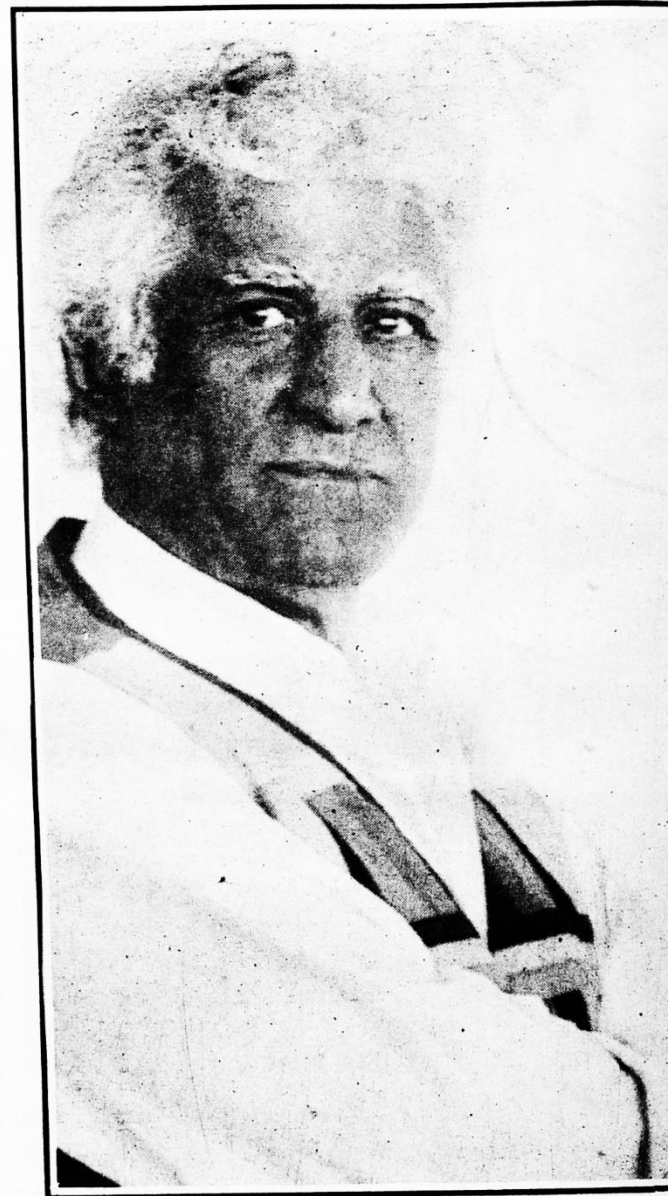
V: Ziraldo, você é um sucesso incontestável, mas não utiliza uma linguagem recheada de modernidade e toques planetários. Você fala de um Brasil sem pé no acelerador, sem sotaque estrangeiro. Você considera este aspecto o principal ingrediente do seu sucesso?

Ziraldo: Adoro perguntas deste tipo. Pergunta que já vem com resposta e resposta a favor. Brigado! Mas é isto mesmo: não sigo tendências, não obedeço moda, não faço pesquisa de mercado pra ver o que devo escrever pra agradar. Na verdade faço livros para a minha alegria pessoal. Como a minha alegria pessoal - ou o que me alegra - se parece com o que alegra os brasileiros como eu que, graças a Deus, são muitos, tá dando pra eu ir levando...

V: Grande parte das pessoas que

fazem ou analisam cultura neste país se preocupa com o fenômeno Mamonas Assassinas, Chaves, Tiririca, apontando uma influência nefasta destes artistas na formação de nossos jovens. Qual a sua opinião?

Ziraldo: Acho a palavra nefasta meio forte. Tudo faz parte do jeito de ser de um povo. Nós somos - a maioria silenciosas, os que preferem comprar pronto - uma gente muito pura, muito doída pela vida, muito sem educação. Bateu no ritmo que o coração bate, tamos aí. Deu um acorde a mais que exige um mínimo de compreensão, tou fora. Aí há espaços para muito Tiririca, muita bunda rebolando, muita coisa que não exige qualquer participação do intelecto. Povo jovem, sabe como é! Americano também é babaca assim, cada um a seu modo. Aliás, a chamada maioria silenciosa é a mesma no mundo inteiro. Adoram A Escrava Isaura.

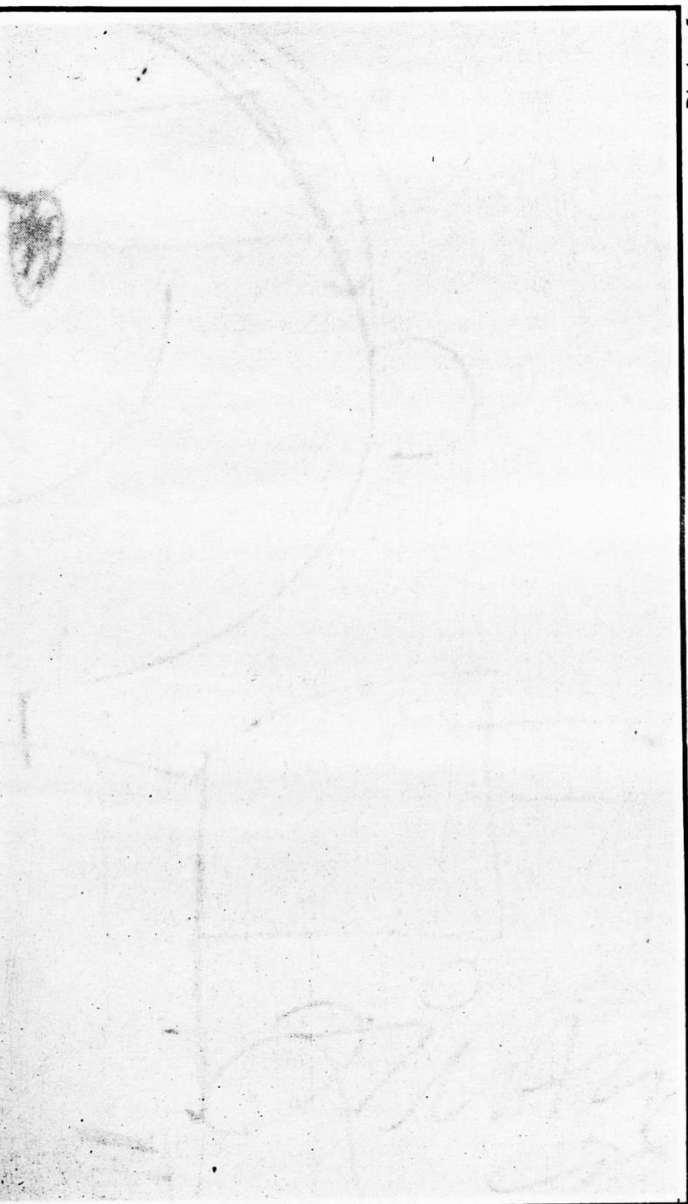


V: Você é O Menino Maluquinho, de infância endiabrada e feliz?

Ziraldo: Eu venho de uma infância provinciana, de um tempo em que, se eu estava enchendo o saco dentro de casa, mamãe me mandava pra rua pra ir brincar lá fora. Hoje já não há mais lá fora. E não sofri grandes traumas infantis, meus pais me pareciam pessoas felizes e minha infância teve a graça de um livro infantil desses bens saudosistas.

V: Quais as mudanças que acompanham as crianças através dos tempos, que viajavam na magia do

O adulto não é a criança que cresceu."



Divulgação

Com escolas precisando de obras e professores com salários aviltantes, qual o futuro da educação que aguarda nossas crianças?

Ziraldo: Vou repetir; a solução é simples: o que é preciso é dar ênfase à educação básica, pagar decentemente os professores e criar condições permanentes para seu aprimoramento e informação. Pronto: tá resolvido o problema da Educação no Brasil. O resto é muita conversa.

V: Qual a sua visão do panorama da produção cultural voltada para a criança e para o adolescente?

Ziraldo: Tem muita enganação, Meu Deus, só tem enganação! Walt Disney, se você for olhar bem, pra nós é cultura. Tem livro à beça, tem vídeos, tem livrinho de tudo quanto é tipo... Mas, tudo é feito como projeto de *merchandising*: para vender mais! Pelo menos tem a vantagem de botar livro nas mãos das crianças, ainda que livros sem qualquer conteúdo. Ainda que bonitos. Com o livro na mão, muita criança pode descobrir o encanto deste objeto maravilhoso.

V: Já se falou que a criança ao pé da Internet não é a mesma criança ao pé da lareira, mas é essencial e eternamente, criança. Que núcleo seria esse, que poderíamos identificar como A Criança?

Ziraldo: A Criança não é um adulto pequeno. O adulto não é a criança que cresceu. Mas como dizia o Freud, a criança é o pai do homem. Na minha opinião, o que ela é, é um ser finito nela

mesma, um produto final. Se ele vai virar adulto é outra história. Agora ela é criança e tem que se realizar neste momento, como criança. Não tem que ser preparada para realizar-se quando adulta. O dia em que a humanidade compreender a criança desta forma, as coisas vão melhorar muito.

V: Crianças abandonadas, assassinadas, meninos de rua, educação ineficaz, professores despreparados, alta mortalidade infantil. Por que a humanidade trata tão mal o seu futuro?

Ziraldo: Sei lá, meu Deus. Você faz cada pergunta... A resposta para esta pergunta está na leitura de todos os romances, de todos os livros, está na observação da história das guerras, das relações de poder, da fragilidade humana, da nossa incapacidade de amar, essas merdas...

Sítio do Pica-Pau Amarelo, depois na magia da TV, e agora pelas ondas da Internet?

Ziraldo: Na sua essência, as crianças não mudaram nada. E os adultos também não. O Homem continua sofrendo e sendo feliz pelos mesmos motivos.

V: Você sempre fala de Educação de uma forma não convencional, vide A professora Maluquinha; diz que melhor que estudar é ler; participou de Ciclo de Debates sobre informatização na escola. Como artista, qual a sua visão sobre a educação hoje no Brasil?

Ziraldo nasceu em Caratinga, Minas Gerais, em 1932. Formou-se em Direito em 1957. Nessa época já publicava seus cartoons na imprensa do seu estado, e fazia também desenhos de publicidade. Mudou-se para o Rio de Janeiro e se transformou num dos cartunistas e artistas gráficos mais conhecidos do país, e mesmo internacionalmente. Em 1960 lançou *Saci-Pererê*, a primeira revista brasileira de história em quadrinhos, que encerrou sua carreira com a tomada de poder pelos militares, em 1964. É um dos fundadores do jornal *O Paquetaim*. Em 1980, com o lançamento do livro *O Menino Maluquinho*, consagra-se como autor infantil. Com vários livros publicados no Brasil e no exterior, foi candidato brasileiro ao Prêmio Hans Christian Andersen como ilustrador e escritor. Seu nome consta da Lista de Honra do *International Board on Books for Young People - IBBY*.

Roleplaying Game - o jogo da imaginação

Sonia Rodrigues Mota

No Brasil, hoje, calcula-se que 100 mil jovens praticam o *Roleplaying Game*, jogo que surgiu nos Estados Unidos na década de 70. Cinco a seis participantes reúnem-se em torno de uma mesa e criam aventuras oralmente, interpretando personagens que transitam por cenários medievais, futuristas, de terror. A aventura é conduzida por um "mestre", que depois de ler o livro de regras do jogo, propõe o início de um enredo e ajuda os jogadores a montarem as fichas de suas personagens. Os livros de regras conseguem iniciar seus leitores num tipo de narrativa ficcional, instantânea, não-escrita e lúdica com uma eficiência que muitas vezes instituições encarregadas socialmente da leitura, como escolas e bibliotecas, não conseguem lograr.

Professores e bibliotecas percebem que o *RPG* desperta um interesse especial pela narrativa. Quando participam de oficinas literárias e cursos ministrados por mim, no Rio de Janeiro ou em outros estados, e sabem que estou escrevendo uma tese de Doutorado sobre o *Roleplaying Game*, imediatamente se interessam em saber como a escola e a biblioteca podem interagir com esta modalidade de produzir ficção. Os jogadores precisam pesquisar História, Geografia, Ciências, costumes, indumentárias para comporem suas personagens e para tornarem verossímeis os seus enredos. Eles precisam ler. E estão apartados do esforço diário que profissionais da leitura desenvolvem. É uma contradição.

A que devemos o divórcio entre a prática dos que se dedicam à leitura nas instituições e a prática da leitura no *RPG*? Talvez a um certo desencontro entre tipos diferentes de leitores. O mundo assiste, hoje, a um retorno à ficção. Inventar histórias, contar histórias, é uma necessidade humana e, como todas

as outras, se quem de direito não garante, a tendência é serem buscadas alternativas não-institucionais, não-oficiais. Jovens gostam de fazer coisas em grupo, e se alguém inventa um jogo que além de possibilitar o espaço da brincadeira, garante também o espaço da fantasia grupal, é claro que esse alguém descobriu uma atividade de sucesso.



A escola é a instituição encarregada de iniciar os jovens na ficção e na leitura. A biblioteca é depositária de um acervo cultural. É preciso que essas instituições abram espaço para que os jovens fabulem dentro de seus muros, orientem as leituras que atendam a seus interesses. Os jogadores de *RPG* estão procurando a ficção e a leitura por conta própria. É hora de partilhar com eles.

Não é pequeno o papel que educadores podem desempenhar para aumentar a capacidade narrativa dos jogadores de *RPG*. Professores, bibliotecários, produtores culturais, gente de teatro, possuem um acervo de leituras que pode servir de subsídios para mais e melhores enredos de *RPG*. Existem muitas formas da literatura e de outras manifestações artísticas inspirarem jovens interessados em ficção. Trata-se apenas de fazê-las funcionar.

Adultos leitores precisam se tornar jogadores de *RPG* para interagirem com os jovens? Não obrigatoriamente. Precisam, sim, buscar - caso tenham perdido - o prazer de contar histórias em grupo. Recuperar a personificação de papéis do faz-de-conta tão prazeroso da infância. Criar mecanismos de interação com os jogadores, abrir espaço para a leitura dos jovens.

Sonia Rodrigues Mota é escritora e Mestre em Literatura Brasileira. Presta consultoria a projetos educacionais e desenvolve trabalhos em torno dos temas: Jogo, Leitura e Ficção.

"O Mestre tem que saber contar uma história. Inicia dando um 'esqueleto' para os jogadores que vão desenvolvendo esta mesma história. Ele apenas coordena sua progressão", diz Daniel Gárgula

Jogado, de início, por grupos fechados, o *RPG* se desenvolveu e uniu jogadores no I Encontro Bbteen de *RPG*, patrocinado pelo Banco do Brasil. Atrai gente de 8 a 80 anos, mas a maioria dos jogadores tem entre 13 e 20 anos. Daniel Gárgula, Mestre de Jogo, está fundando uma Associação, mas adverte: "Tem que se saber administrar este 'vício' para que ele seja benéfico e cumpra sua função de desenvolver a criatividade e o pensamento".

DANIEL GÁRGULA: 537.1542

Livrarias especializadas:

Livraria Malasartes

Shopping da Gávea - Marquês de São Vicente, 52 / lj. 367 - Gávea - RJ

Tel: 239-5644

Gibiteria e Livraria Bárbaras Magias

Ed. Avenida Central - Av. Rio Branco, 156 Sobreloja 349 - Centro - RJ

Tel/Fax: 262-1483

Assessoria e cursos para educadores: Sonia R. Mota - 285.3271

BOY-TIME

224 5055

MOTOCICLETAS - BOY, A PÉ - FIORINO

A BOY-TIME apanha, entrega, paga, recebe, distribui brindes e convites.

Então faz tudo para você não precisar sair de casa ou escritório.

Ligue e peça o seu serviço.

O editor é um vilão?

Benita Prieto

A gerente executiva do SNEL - Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Lilia Maria Miranda Alves, que durante 25 anos foi editora da LTC e cresceu num ambiente de leitura, conta que aos dez anos foi obrigada, na escola, a ler **O primo Basílio**, que detestou por não estar adequado aos seus interesses da época e pela imposição. Confessa que seus filhos também são leitores, e que uma de suas filhas aos treze anos lia Balzac, porque queria e gostava. Está há dois anos ocupando o cargo no SNEL e fala de suas impressões pessoais e do sindicato, sobre leitura e produção literária no Brasil.

O SNEL está vendo a produção literária brasileira com muito otimismo. Tomando como base os dados estatísticos da pesquisa editorial de 1994 e 1995, feita pela Fundação João Pinheiro, temos um significativo aumento. Uma recente pesquisa da UNESCO informa que a produção da Argentina, Colômbia, Chile e México somadas, fica abaixo da produção de livros brasileira, e que no ano de 95, em que produzimos mais de 40.000 títulos perfazendo um total de 325.000.000 de exemplares, ficamos iguais à produção editorial da França, o que nos deixa muito orgulhosos, pois sabemos a importância que é dada ao livro nesse país.

A produção do livro infantil e juvenil, a meu ver, teve um crescimento nos últimos dois anos. Talvez porque o governo esteja estimulando a leitura através de programas de incentivo, ou os editores tenham percebido a importância da formação da criança e do adolescente como público-leitor. É através da leitura que a pessoa se desenvolve e se coloca como ser humano de maneira mais completa. Para criar o hábito da leitura precisamos de literatura infantil e juvenil de qualidade, de um número muito maior de

bibliotecas, sendo fundamental que toda escola tenha uma, e mais livrarias com gente competente para atrair o público. O livro tem que ser um bem de consumo como outro qualquer, tem que estar presente em todas as fases de formação de uma criança, de um jovem e de um adulto.

O livro no Brasil ainda é caro, mas o editor não pode aparecer como o "vilão" do livro. É importante frisar que as pessoas têm a impressão de que o custo do livro é papel e gráfica, nada mais. O editor, desde o momento que fecha um contrato com um autor, começa a investir através da preparação dos originais, revisões, ilustrações, projetos gráficos, impressão, custos

administrativos, divulgação, e quando finalmente o livro está pronto e chega o momento da comercialização, vai para a mão do livreiro que demora de 45 a 60 dias para pagar. Além de termos problemas com o papel brasileiro, que é caro, e os prazos curtos para pagamento, o custo gráfico é muito elevado. E por isso alguns editores estão imprimindo fora do Brasil. Posso afirmar que o editor fica - no máximo - com um lucro de 10 a 12%. E quando aparecem essas entrevistas nos diversos jornais dizendo que o editor forma cartel, que o editor é vilão e por isso o preço do livro é caro, acho que se está cometendo uma grande injustiça.

A Obra de Arte e seu Receptor

A adequação da obra de arte a seu receptor passa por inúmeros fatores e variáveis: aspectos culturais, sociais, etários, pessoais interferem e atuam nesse binômio.

O cinema indica esta adequação através do *recomendado para*; as produções dos espetáculos teatrais nunca fazem esta recomendação, com algumas facções contrárias, inclusive, a essa observação restritiva; uns por questões de princípios, estéticos e artísticos, outros por questões de ordem econômica. A Literatura, no entanto, desenvolve um estudo sistemático dessa adequação de emissor e receptor, que abandonando o critério de faixa etária adotou os **Níveis de Leitura**.

VERTENTE foi ouvir uma especialista:

A SELEÇÃO DE LIVROS

Maria Carolina Mattos Macedo

Uma constante incógnita para pais e professores é "que livro escolher para a leitura das crianças e jovens?". Títulos novos são sugeridos por catálogos de editoras especializadas, antigas referências são buscadas, mas agradar a todos, ou a pelo menos alguns, é tarefa das mais difíceis.

Os critérios de seleção caminham por muitas vias, como a escolha por faixa etária, seriação, ou até mesmo pelo número de páginas dos livros.

Como pensar num sistema mais *humanizado* que respeite o receptor? A



PUBLIQUE SEUS TEXTOS!

Seja seu próprio editor utilizando os serviços de profissionais das áreas de programação visual e edição.

E MAIS PROGRAMAÇÃO VISUAL EM GERAL

Informações tel: (021) 294-4599

LECTOR

O jornal de quem lê.

Entrevistas com escritores, editores e livreiros.

Dicas de livros e concursos literários.

Novidades da literatura infanto-juvenil.

Os bastidores do mercado editorial.

Assinaturas:

Tel: (021) 287-1235 247-6191

necessidade de leitura precisa ser percebida como condição para uma compreensão maior do que a imediata decodificação de signos.

A seleção por níveis de leitura incide essencialmente não sobre o objeto livro, mas sobre seu **destinatário** - o leitor. Daí sua maior adequação, que favorece o encontro entre os textos do leitor e do livro.

Para o leitor que ainda não decodifica a escrita, o livro deve ter ilustrações coloridas, desenhos grandes, traços simples, narrativa seqüencial e nenhuma palavra escrita; para o leitor em processo de alfabetização, ou recém alfabetizado, o texto escrito deve ser apresentado em tipos grandes, frases completas, períodos simples e crescimento gradual da complexidade. Depois de terminada a alfabetização, as ilustrações não têm caráter primordial. A quantidade de personagens pode aumentar, a sintaxe pode ser mais elaborada, e podemos ter diversas tramas em um mesmo enredo.

Cumprido este primeiro percurso, o leitor já tem fôlego suficiente para buscar a leitura de textos mais densos, com ilustração opcional e de adorno. Os textos são mais extensos e os vazios de significação no texto são preenchidos pelo leitor através de relações textuais e contextuais.

Em seu último nível de leitura, o leitor, formado e encaminhado pelo hábito de ler é capaz de perceber e articular relações intertextuais, perceber e abstrair conceitos subliminares ao texto e dialogar consigo mesmo, mediado pelo texto. Esse tipo de texto exige a participação mais ativa do leitor nos processos intertextuais.

Mas o mais importante na escolha de um livro é que se tenha em mente, na medida do possível, o caráter individual de cada leitor, sua "intimidade" com o livro e a leitura, e sua disponibilidade para cada texto, independente de que idade tenha, seu nível escolar ou... quantas páginas (sic) tenha o livro.

Maria Carolina Mattos Macedo é especialista em Literatura Infantil

TOQUES LITERÁRIOS

família Lobato

Olá, caros leitores! Aqui é Margarida Lobato e agradeço o apoio recebido pela estréia da coluna. Aproveito para esclarecer sobre os níveis de leitura, expressos em negrito, nas resenhas: são critérios adotados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, que abandonou a divisão em faixas etárias por achá-la restritiva, pois o leitor se desenvolve individualmente. Até sempre e boas leituras.

Adivinha quanto eu te amo
de Sam McBratney; ilust. Anita Jeram
São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.

Beijos Mágicos
de Ana Maria Machado; ilust. Graça Lima
São Paulo: Ed. FTD, 1996.

Bumba meu boi bumbá
de Roger Mello; ilust. Roger Mello
Rio de Janeiro: Ed. Agir, 1996.

Construindo um sonho
de Marcelo Xavier; Fotografia Gustavo Campos
Belo Horizonte: Ed. RHJ, 1996.

Ilustração do livro infantil
de Luís Camargo
Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

Quantas vezes na vida, ao estarmos próximos de alguém que amamos muito, nossas palavras pareceram pequenas, ou sem suficiente significado, para expressarmos o sentimento que nos invade?

Tenho me feito esta pergunta muitas vezes, depois que li o livro e percebi que isso tem sido uma constante em minha vida, seja nas relações familiares ou de amiga. A sensação de impotência é sempre a mesma quando estamos diante de emoções que não podem ser quantificadas, pois cada pessoa expressa seu interior do modo que pode. Seria bom que às portas do século 21 conseguíssemos quebrar as barreiras, mas parece que a tecnologia que nos aproxima e toma o mundo uma aldeia global, também nos afasta, pois distancia do toque, do cheiro e da fala.

O livro propicia a reflexão sobre o ato de amar numa relação entre pai e filho, transportados para a figura de dois coelhos que brincam e se relacionam durante um dia de intensas atividades.

É um excelente presente de Natal para **leitores iniciantes**, tem a capa dura como os livros de antigamente e tradução bem cuidada de original da língua inglesa.

ADIVINHA QUANTO EU TE AMO

BUMBA MEU BOI BUMBÁ

Parece que no verão de 1997 teremos uma invasão da toada do boi, exportada agora para o sul como uma grande novidade. Já ouvimos a banda Carrapixo, Fafá de Belém e outros, cantando o boi e trazendo um pouco do norte e nordeste para o Rio de Janeiro. A tradição mais que centenária surge como um achado, mas é cultura popular, genuína e autêntica, de um Brasil que tem tantas manifestações artísticas ainda desconhecidas. Essa riqueza folclórica está expressa no deslumbrante livro de Roger Mello que consegue juntar as raízes do boi bumbá, que dizem muitos vir do Piauí, através da história bem contada, ao luxo de Parintins, através das ilustrações de primeira linha. Roger Mello, grande ilustrador de sua geração, há algum tempo vem escrevendo histórias voltadas para temas populares brasileiros como o boto, a carranca do São Francisco e agora o boi bumbá. E mostra que seu talento é múltiplo. Vale frisar que seu livro preserva a ingenuidade e singeleza dessa festa típica e ultrapassa seus limites, alertando para a importância da preservação e resgate da cidadania. É livro para ser colocado no saco de Papai Noel junto com o vídeo game, computador, bola, boneca...pois vai agradar aos **leitores com alguma experiência de leitura**.

Marcelo Xavier é um autor que tem se distinguido por utilizar em seus livros objetos tridimensionais, feitos de massa de modelar, que quando fotografados, transformam-se em ilustrações que parecem saltar dos livros, provocando vontade de serem manipulados. **Construindo um Sonho** é um livro de imagem, ou seja, não possui texto e conta a história da construção de uma casa, dependendo de quem estiver lendo, pois ler imagens é uma forma de leitura. A título de curiosidade, vejam o que Maurício Lobato, meu neto, contou-me sobre o trabalho realizado com esse livro em sua escola: "A gente fez uma brincadeira muito legal, cada um escreveu uma história e juntamos o nosso texto com as ilustrações do Marcelo. Depois misturamos as histórias e fizemos uma só que ficou em exposição com o livro. Também teve um papo sério e minha professora falou da reforma agrária, dos sêm-terra, dos sem-teto e que todo mundo sonha ter um lugar seu para viver. Eu nunca tinha pensado nisso e quando cheguei em casa conversei com minha família, meu avô disse que o Brasil é cheio de injustiça social". Vou aproveitar e pedir um presente de fim de ano para os ilustradores, que façam mais livros de imagem, pois são ótimos para a imaginação e agradam aos **pré-leitores**.

CONSTRUINDO UM SONHO



PROMOÇÃO

Bifocal

R\$ 35,00

Varilux Confort

R\$ 185,00

Óculos de

vários modelos

R\$ 18,00

Especializada em óculos de grau

XEROX (promoção) R\$ 0,05

Rua Afonso Pena, 193 - Tijuca - RJ
tel: 228 6754

OS FLAUTISTAS DA PRO-ARTE

Flávio Graff

"Eu sou aquele que saiu do bosque e toca flauta amena, óh tu que tens tranqüibérnia da vida toda sarapintada de azul". Muitos certamente estranhariam essa frase desconexa e sem sentido. Outros possivelmente não, como foi o caso das 47 crianças e adolescentes que integram o grupo **Os Flautistas da Pro-Arte**. Ao contrário do que diria a regra, esta citação de improviso do mestre Ary Barroso causou curiosidade e paixão pelo compositor. Formado há oito anos sob comando da musicista Tina Pereira, **Os Flautistas da Pro-Arte** já apresentaram espetáculos sobre Tom Jobim, Pixinguinha, Braguinha, entre outros, e nestes últimos dois meses trouxeram a poesia e irreverência de Ary Barroso para os palcos.

O processo de educação musical a que são submetidos Os Flautistas, integrados por alunos da Pro-Arte e do Centrinho de Artes do Meier, passa por aulas de flauta doce e prática de conjunto onde eles se juntam para fazer música de câmara. Segundo Tina Pereira, a diferença das aulas que são dadas a eles, da educação musical tradicional, é que no meio do ensino há muita brincadeira. *"Não é só a disciplina ou o estudo rígido. Os nossos encontros são sempre muito caóticos. Em parte eu gosto desse caos pois a partir dele é que surge a coisa criativa. As aulas são sempre muito lúdicas e a vivacidade que a criança tem me contagia"*, afirmou Tina Pereira.

O tema da pesquisa desenvolvido pelo grupo na maioria das vezes é escolhido pela musicista. *"Após a nossa escolha eu vou atrás de gravações originais, bibliografia e tudo que fale a respeito do compositor e da obra. Com isso, pego mais ou menos umas 50 músicas, dou uma peneirada e faço a adaptação para flauta e voz"*, explicou Tina Pereira.

As crianças e adolescentes aprendem não só a ler as partituras e tocar flauta, mas a própria história do compositor, como explica Tina: *"eles sempre trazem artigos sobre o assunto que estamos estudando; no caso do Ary Barroso, eles falavam muito no que os avós ouviam no programa 'Os Calouros do Ary'". Durante as aulas as crianças aprendem também como a música foi feita, como era a época do compositor, em que situação aquilo foi concebido e o porquê. Só depois de aprenderem a cantar e a tocar é que passamos para a música de câmara. A partir daí é que nós vamos saber o que, do material escolhido,*

vai virar espetáculo".

As crianças se empenham e se dedicam prazerosamente a estudar música e as opções por essa escolha se revelam as mais diferentes e apaixonadas. Alguns, já adolescentes, fazem parte do grupo há mais tempo, como é o caso de Ana Carolina Belo, 16 anos, estudando há 5 na escola: *"eu comecei tocando piano no colégio e depois me interessei pela flauta e entrei para o grupo. Eu participei dos espetáculos sobre o Tom, Lamartine, e Braguinha"*. Para Mariana Teixeira, o trabalho desenvolvido na equipe é a própria realização de um desejo: *"sempre gostei de música e meu sonho é ser cantora, mais até do que tocar a flauta. O melhor do curso é que ele nos oferece a possibilidade de juntar o canto com o instrumento"*, afirmou Marina.

Apesar deste universo estar completamente distante do convencional imposto à criança hoje, como a televisão, o *video game* e outros produtos da nossa cultura massificante, quem se aproxima do grupo inevitavelmente se apaixona e quer entrar, como afirma Tina Pereira: *"em 95 nós tínhamos 35 crianças, no ano passado esse número subiu para 40. Agora já estamos trabalhando com 47"*. A musicista

acrescenta ainda que a experiência com Os Flautistas marca o cotidiano de trabalho prazeroso; a busca da criação através dos sentidos da criança é esplêndida, como declara: *"não é esse grupo ou outro, acho que é a criança. Se fosse em outra parte do mundo seria igual. Eles têm uma potencialidade incrível para cantar ou tocar; uns até não são afinados, mas se corrigem. O que é legal na criança é que ela é a fim de fazer, ela tem a fantasia muito exposta, à flor da pele, e entende o boneco que toca flauta, ou o texto sem sentido de Ary Barroso. O universo deles tem uma proximidade com a loucura que é muito legal e eu lido com eles muito na base da loucura como exercício constante de criação"*.

PRO-ARTE

Rua Alice, 462 - Centro - RJ

Tel: (021) 245-0684

CENTRINHO DE ARTES DO MEIER

Rua Rio Grande do Sul, 81A

Meier - RJ

Tel: (021) 281-0658

Amauri Alves Filho



Os Flautistas da Pro-Arte em "Os calouros do Ari".

VÍDEO: arma forte para um 2.000 melhor

O vídeo tem sido apontado como um veículo aparentemente simples, de grande aceitação e fácil penetração em escolas, clubes e associações. Popularizado durante a década de 80 e usado de forma indiscriminada, tanto como meio de experimentação quanto como substituto de máquina fotográfica em casamentos e batizados, o vídeo vem buscando, cada vez com maior rigor, o tom profissional, através de uma série de cursos de aperfeiçoamento, festivais internacionais e produções cada vez mais bem cuidadas.

Por todas as facilidades que oferece, o vídeo poderia ser mais utilizado por organizações governamentais e não governamentais como um ótimo parceiro, por exemplo, no combate à AIDS. Bem aceito entre os jovens, o veículo poderia atuar como divulgador das formas de prevenção, dos procedimentos a serem adotados em relação aos testes etc.

Iniciativas particulares esbarram, no entanto, nas dificuldades de produção e difusão, uma vez que a lei do audiovisual, que sem dúvida alguma vem promovendo o renascimento do cinema no país, não beneficia a produção do vídeo a não ser que o mesmo seja realizado em película ou seja feito com alta definição, acima de 1.200 linhas. Resta aos produtores correr atrás dos burocráticos caminhos da Lei Rouanet (federal), Lei do ICMS (estadual) e Lei do ISS (municipal).

Apesar destas dificuldades, contando com recursos próprios, a atriz e roteirista Maria da Guia, mãe de dois adolescentes e preocupada com o tema, procurou a diretora Heloísa Perissé, assistente de Tizuka Yamasaki, para que ambas dessem um tratamento mais profissional a um antigo vídeo seu, **Sangue Bom**, onde um jovem casal era surpreendido com um teste positivo de HIV,

mas tudo não passava de um grande susto: o erro havia sido do laboratório. Ao saber disto, Tizuka mandou o recado: "*Tem que ser uma porrada. Não se pode brincar com isso*". O resultado pode ser conferido no vídeo **Valeu**, onde, sem meias palavras, a irreverência dos jovens é mostrada sem *happy end*, com toda consequência trágica que vídeos como este tentam evitar. **Valeu** conta com a participação de Amora Pêra., Vitor Hugo, Lauro Góes, Roberto de Cleto e Liliana Presci; todo o elenco de apoio é formado por alunos do Curso Ator e Câmara da Vídeo Fundação, ministrado por Tizuka Yamazaki. **Valeu** está incluído nas atividades do Dia Mundial da AIDS e as escolas, organizações e instituições que queiram exibi-lo devem procurar a diretora Heloísa Perissé ou o produtor Hilário M. Alves.

O Consultor Antônio Leal, especializado em Leis de Benefícios Fiscais, aponta a Lei do Audiovisual, como a mais bem feita de todas. Como prevê ganho financeiro para o investidor através da compra e venda de certificados de investimentos e dedução do imposto de renda, tem tido enorme aceitação junto à classe empresarial, tornando-se, assim, grande parceira da classe artística.

Antônio Leal: (021) 212.3561

Hilário M. Alves: (021) 322.3773

Heloísa Perissé: (021) 541.1662



LIVRARIA OU PAPELARIA?

Acertou quem respondeu: AS DUAS!
Agora, a OBELISCO é, além da maior
Papeleria, a maior Livraria da cidade!
Venha nos visitar e conhecer os
últimos lançamentos da literatura.

OBELISCO
Papeleria e Livraria

Rua do Imperador, 585/591
Centro - Petrópolis - RJ
Tel: 42-6400 Fax: 43-6400
Internet: obelisco@arras.com.br

A DANÇA BRASILEIRA E LÚDICA de Lia Rodrigues: FOLIA

A dança contemporânea muitas vezes caminha por um hermetismo ou formalismo que afasta os menos aficionados. O último trabalho de Lia Rodrigues, **FOLIA**, Bolsa Vitae para criação/1995, consegue, com sua teatralidade, envolver o espectador menos atualizado. Sucesso no Brasil, recebe de Helena Katz do **O Estado de São Paulo** o seguinte comentário: “*Poucas vezes se viu um manifesto de brasilidade debaixo da grife da dança moderna, realizado com tamanha sabedoria. Lia não apenas criou seu melhor trabalho como também uma peça importante para a dança*”. Na França, fez sucesso em sua apresentação em Lyon: “*FOLIA é fruto de extensa pesquisa sobre a obra de Mário de Andrade. O resultado vigoroso e poético cativou o público em Lyon*”.

Em seu trabalho anterior, **MA**, Lia expressa o universo vivenciado pelas mães em seus trabalhos infinitos e busca a essência e a universalidade dessa entidade, da mesma forma que está essencialmente representada em vários idiomas: (Ma)ter, em laltim, (me)tter, em grego, (mu)tter em alemão, (mè)re em francês, (ma) em sânscrito; através de um trabalho vigoroso, de uma plasticidade ímpar, a nível da dança, da cenografia e da forte teatralidade presente.

FOLIA é fruto de profunda pesquisa, que trabalha com a melodia dos ditos populares, das parlendas, da tradição oral brasileira; o ritmo da linguagem popular, a brincadeira, o jogo, a festa, o folguedo. A *folie* - a loucura. E Lia nos remete poeticamente e com força dramática ao Brasil de Macunaima, através das imagens que constrói com corpos, cores, formas, adereços, cenários e figurinos. O lúdico está presente todo o tempo no tema, na forma como trabalha o movimento; no jogo, no tempo, na música, no ritmo.

Essa pesquisa desenvolvida por Lia utiliza com seriedade um sintagma que já se tornou corriqueiro e muitas vezes mentiroso: *pesquisa de linguagem*. Este é um trabalho que por si só revela essa pesquisa, verdadeiramente, e a relação com o brasileiro, com o lúdico, com o popular, com o imaginário popular e brasileiro, vibrante. De forma tão clara que basta vê-lo; não é necessário que se diga.

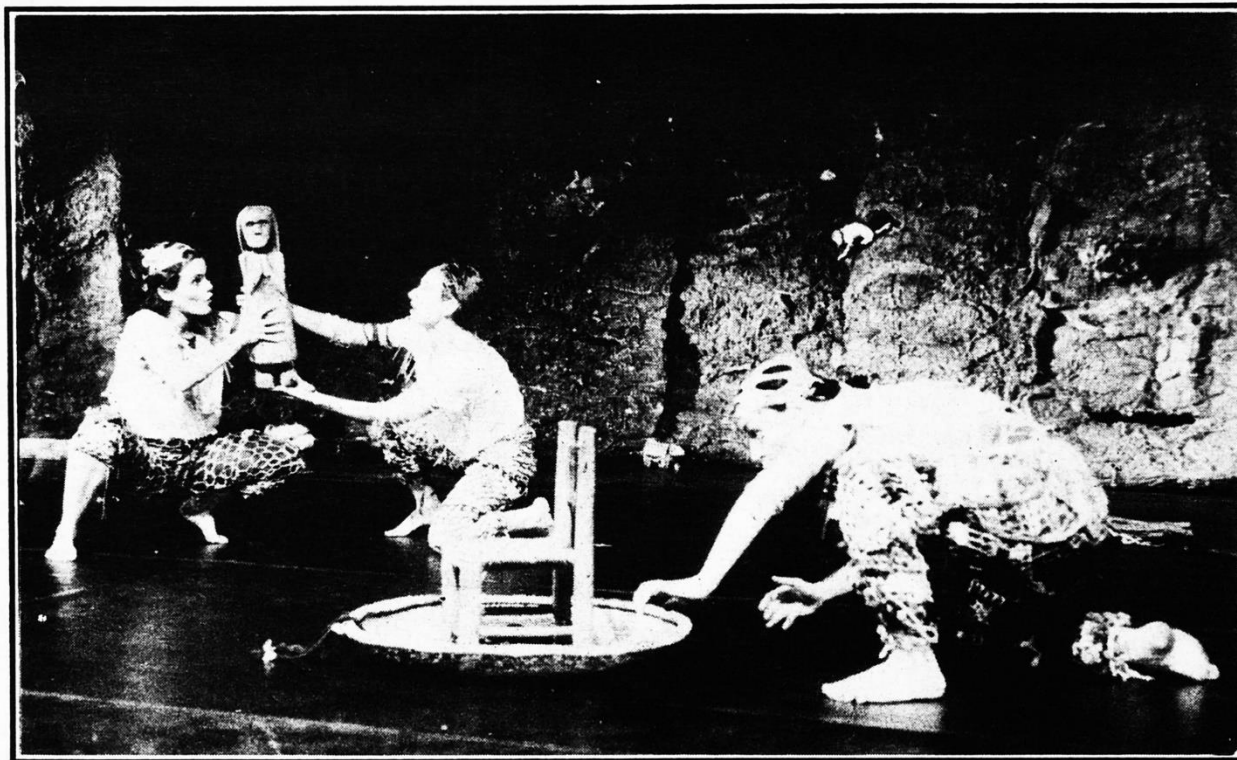
Em **MA** Lia coloca seu olhar na maternidade, no nascimento; em **FOLIA** sua inspiração busca o universo infantil, e o resultado desses trabalhos é uma linguagem própria, clara, reveladora.

Inúmeros trabalhos voltados para a criança e o adolescente se dizem com suporte de

pesquisa e se dizem pretender a busca de uma nova linguagem. Quando se depara com a seriedade do trabalho de Lia Rodrigues, e com o resultado concreto mostrado em seus espetáculos, se lamenta que muitas dessas afirmações não tenham passado do *release*. Busca séria e inquietante voltada para esse Brasil de amanhã, sedento de Brasil, sedento do novo, sedento de qualidade. É necessário coragem para ousar e buscar. Com a palavra Lia Rodrigues.

Lia Rodrigues, bailarina, coreógrafa, mantém a **Lia Rodrigues Cia de Danças** criada em 1990. Prêmio Mambembe de Melhor coreógrafa, Bolsa Vitae/95, Prêmio Estímulo para Grupos de Teatro e Dança concedido pela FUNARTE/1995.

Ricardo Cunha



Folia de Lia Rodrigues.

FAÇA SUA ASSINATURA!

VERTENTE É DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE NOS TEATROS E EM 30 CENTROS CULTURAIS. MAS SE VOCÊ DESEJA RECEBÊ-LO EM CASA, FAÇA UMA ASSINATURA, ENVIANDO SEUS DADOS E UM CHEQUE NOMINAL A CARLOS AUGUSTO NAZARETH PRODUÇÕES LTDA. RUA VICENTE LICÍNIO, 154 - TIJUCA. OU PELO FAX (021) 569-5680.

Vertente

PREÇOS VÁLIDOS PARA TODO O BRASIL
SEMESTRAL - R\$ 10,00 ANUAL - R\$ 20,00

ANUNCIE

AQUI!

Antigos Criadores e suas Novas Criaturas

Nélida Piñon, Celina Sodré e Regina Miranda trazem a literatura, o teatro e a dança para o universo da criança e do adolescente.

Artistas com um trabalho sólido voltado para o público adulto, todos com repercussão internacional; participação em Festivais, Prêmios Internacionais, enfim, artistas de renome, consagradas, todas três, coincidentemente, mulheres, voltam sua criação para este público, fazendo o caminho inverso ao de muitos criadores que começam a criar para a criança, como forma de desenvolver seu trabalho.

Envolvidas com uma nova linguagem, as três buscam se sentir preparadas para falar a esse novo público que exige linguagem específica e cuidada, mais ainda do que quando se fala para o adulto. É uma fase delicada de formação, quando qualquer tijolo mal assentado pode ter conseqüências imprevisíveis.

É unânime: é preciso se preparar, é preciso estar pronta, é preciso conhecer esse público; linguagem adequada, temas pertinentes; seriedade, pesquisa, estudo. É, sem dúvida, uma especialidade. Ganha o cenário artístico, ganham as criadoras que exercitam o mais puro de sua sensibilidade, ganha principalmente o público.

“Eu sempre pensei que devia o poder de narrar a meu avô, às minhas tias, aos velhos galegos que brincavam comigo na Espanha e eram, todos, grandes rapsodos. Mas muito recentemente descobri que devo esse poder de narração sobretudo à minha mãe, que foi a minha Sherazade”

Nélida Piñon, hoje membro da Academia Brasileira de Letras, autora de extensa obra premiada e reconhecida não só no Brasil como no exterior, agora se volta para o público infanto-juvenil.

Divulgação



Presidente eleita da Academia Brasileira de Letras.

“Trabalhei em A Roda do Vento, com muitas interrupções por causa de compromissos e viagens, durante um ano e meio. Mas eu me senti, sempre, inteiramente livre para escrever. Quem escrevia era uma Nélida que, embora já acumulasse um certo conhecimento narrativo, pode aparentemente se despojar dele e, assim, se sentir mais jovem. Escrevi essa história pensando mais em mim do que em meus jovens leitores. A Roda do Vento não deixa de ser uma reflexão sobre a arte narrativa, um hino à arte de contar histórias. Não é bem a aventura que me interessa, mas o desejo de aventurar-me à aventura. Isto é, a liberdade para inventar”.

Por que só agora, Nélida, o público jovem ganha de presente uma obra sua?

“ Não me sentia preparada para escrever para um público jovem. Hesitava em abandonar as artimanhas dramáticas do mundo adulto em troca de um universo que embora me tivesse pertencido no passado e hoje ainda ocupe minha memória, há muito me abandonara. Não sabia que palavra usar, que amor aprofundar, que sentimento intensificar para alcançar verossimilhança, ilusão, esperança. Tudo que palpita e dardeja em um coração tenro, jovem e perplexo. Portanto, só me voltei para esta tarefa quando o livro gritava dentro de mim para existir”.

E assim nasceu **A Roda do Vento**, que fala da pacata cidade de Catavento onde nada de interessante acontecia além de seu grande mistério: de onde vem o vento, quando ele vai soprar?

Ao tentar solucionar esse mistério, Tarzan e Beijinho vão descobrir os segredos que a própria imaginação encerra, ao redor das histórias contadas por Tia Gênica. E é falando sobre a imaginação que encerramos esta conversa com Nélida Piñon.

"A imaginação é um território que se estende na medida em que você pratica. É preciso exercitá-la. A imaginação é um instrumento prodigioso. Nossa sociedade, sempre temendo a novidade, prefere chamar a imaginação de fantasia, como se ela tivesse algo de destrutivo. Deveríamos, ao contrário, promover cursos em que os alunos exercitassem e ampliassem sua capacidade de imaginar".

"No começo a gente dizia que era para adultos e crianças mas isso é como dar uma roupinha de presente no Natal. Coisas de adulto. Criança gosta é de brinquedo e levamos isso a sério".

R.M.

REGINA MIRANDA, outra criadora que volta sua criação para esse novo público, a pedido da filha Antônia. Recém-chegada da Bienal de Dança de Lyon, onde seus dois espetáculos inspirados na escritora Marguerite Duras - **Moderato Cantabile** e **Exílio** - foram aplaudidos de pé, fala ao VERTENTE.

"Nem lembro de mim sem dançar. Danço desde os quatro anos".

Os olhos de Regina brilham enquanto conta sua caminhada: Foi estudar nos Estados Unidos e

quando voltou ao Brasil fundou a Cia. de Atores e Bailarinos; isto há 16 anos. Já havia coreografado trabalhos anteriores destinados ao público infantil, mas para espetáculos que não os seus. Este é seu primeiro trabalho para criança, onde além de dirigir, fez a adaptação do texto. *"Meus trabalhos para o público adulto tinham a ver comigo - eu e o que eu quero dizer. Para trabalhar para a criança tiver que sair de mim mesma para descobrir o que a criança busca. Sempre em meus trabalhos para o público adulto busco a renovação. Não gosto de usar numa nova coreografia uma fórmula que já tenha dado certo. Mas trabalhando para crianças me senti uma iniciante!"*

"A Rainha da Neve", um dos mais complexos contos de Hans Cristian Andersen, foi escolhido por Regina para ser levado à cena por sua Companhia, com Jitman Vibranovsky na direção de ator. "Quando estreamos eu chorei. Vi aquelas crianças atentas durante uma hora e dez ouvindo Vivaldi e gritando bravo no final. No início dos ensaios achamos que nosso discurso era para todas as idades, mas aos poucos fomos entrando no mundo da fantasia e optamos por um público determinado - a criança. Como se tratava de uma experiência totalmente nova, pensamos em ter sempre crianças na platéia durante os ensaios, o que não aconteceu. Mas Antônia foi ver com nove amigas; em casa, depois, me perguntou se poderiam ver de novo. Perguntei, assustada, se não tinham entendido, mas elas me falaram coisas ótimas sobre o espetáculo; uma delas, de quatro anos disse que não tinha entendido nada, só que 'o amor é lindo'. Era o bastante."

CELINA SODRÉ desenvolve trabalho de pesquisa há anos através do Studio Stanilavsky, tendo encenado espetáculos que a tornaram uma diretora teatral de prestígio pela qualidade e seriedade de seu trabalho. Tendo

levado à cena espetáculos como **Éguas da Noite**, com Gilberto Gawronsky e Marilena Bibas, **Lady Macbeth**, e mais recentemente **São Hamlet**, com Miguel Lunardi, todos para o público adulto, estreou em 1996 seu primeiro espetáculo para crianças, considerado pelo VERTENTE um dos melhores espetáculos do ano, exatamente pelo sopro renovador que traz a este segmento. Celina encena um clássico - **Condessa de Ségur** - e nos fala com exclusividade dessa e outras paixões:

"A paixão pela Condessa de Ségur vem da infância, 'Desastres de Sofia' e 'Meninas Exemplares' foram os primeiros textos que li, e assim, de alguma forma, determinaram o meu encontro com a literatura. A tradução e adaptação de 'Desastres de Sofia' já estava pronta havia quase dez anos, na gaveta, à espera de uma boa oportunidade que surgiu agora. Quanto à encenação a linguagem não muda, o Stanislavski continua lá com o método das ações físicas, talvez seja apenas mais luminoso, mais colorido, e mais engraçado com o humor no lugar do trágico."

A experiência foi extremamente gratificante do ponto de vista afetivo e estimulante do ponto de vista artístico. Falar com esse espectador novo foi delicioso. Os ensaios foram divertidos e o trabalho abriu portas desconhecidas e imperdíveis. Então, tenho toda a intenção de seguir adiante nessa investigação, nisso que se poderia chamar de um teatro infantil existencial, que vem se ocupar das 'questões' das crianças, dos seus 'ser ou não ser'. E, nesse sentido, a Condessa é um filão precioso."

O Václav Havel, dramaturgo e presidente da República Tcheca, diz, num texto seu, que o teatro é o lar espiritual da comunidade humana. Essa é para mim a verdade mais absoluta sobre o lugar do teatro no mundo, então, a crise é exatamente determinada por esta operação de devolução do teatro ao seu lugar original e único".

CARTA AO LEITOR

Iniciaremos no número dois a seção de Cartas do Leitor. Emita sua opinião, sugestão ou crítica ao VERTENTE através de carta ou fax.

Rua Vicente Licínio 154/102
Tijuca - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20270-340
Tel/Fax: (021) 569-5680



LIGUE PARA
(021) 222-0593

O Grupo
Morandubeta
está cheio de
histórias para
você.
Apresentações,
Oficinas e
Espetáculos.

NO JORNAL VERTENTE VOCÊ SABE TUDO EM PRIMEIRA MÃO.

O Caminhãozinho Cultural do Centro Cultural Gama Filho leva às ruas o espetáculo Tem rei na rua. Auto de Natal inspirado no libreto da ópera de Giancarlo Menotti chamada Amal e os visitantes da noite.

Direção de Lúcia Coelho
Cenografia de Gringo Cardia

ROTEIRO

DIA 20 - ARPOADOR
DIA 21 - PRAÇA 1º DE MAIO - BANGÚ
DIA 22 - PRAÇA XAVIER DE BRITO - TIJUCA

A Estrela Menina - espetáculo teatral vai às praças

Texto de Lúcia Coelho
Direção de Gualter Cortes

ROTEIRO

DIA 14 - JARDIM DO MEIER
DIA 15 - PÇA RIO GDE. DO NORTE - ENG. DE DENTRO
DIA 21 - PRAÇA AMAMBÁ
DIA 22 - JARDIM DO MEIER

(INCLUSIVE A PROGRAMAÇÃO
DO CENTRO CULTURAL
GAMA FILHO.)



CENTRO *Gama* **CULTURAL**
Filho

RUA MANOEL VITORINO, 553 - PIEDADE
TEL.: 599-7237 • 599-7236 • 595-1617 (TELEFAX)